

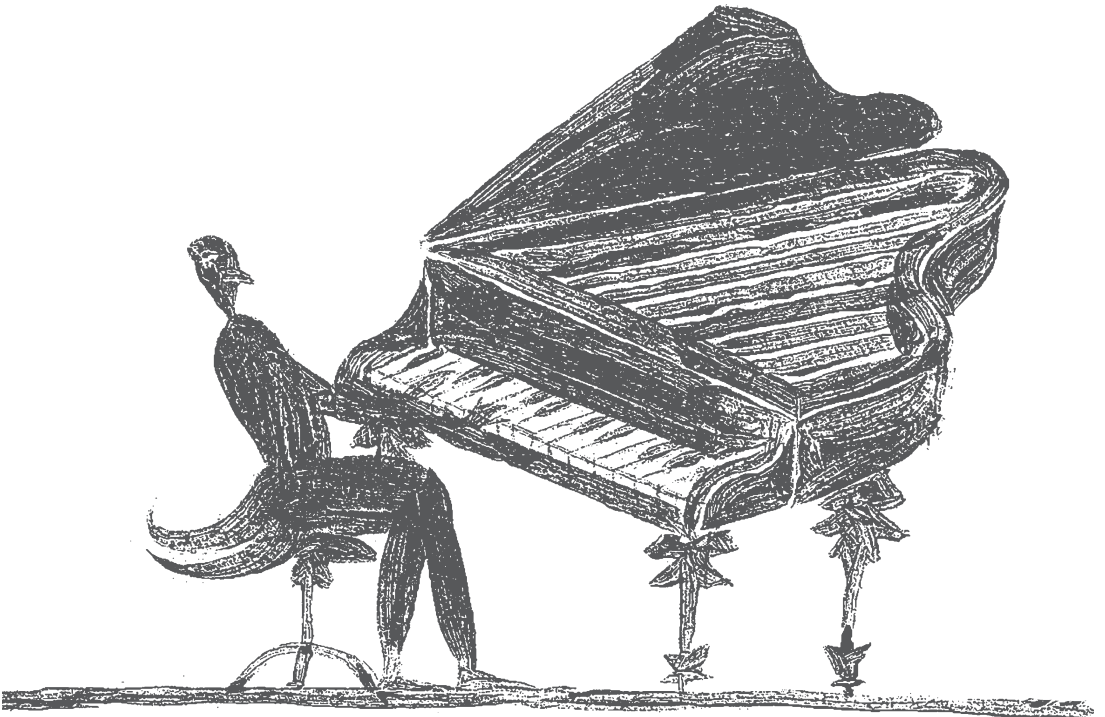


COMPANHIA DAS LETRAS

PAULO HENRIQUES
BRITTO

Poemas

FLIP



LOREM IPSUM

“Venham”, diz ele, “que eu lhes ofereço
sinéreses, cesuras, hemistíquios
e muito mais, e em troca só lhes peço
sofríveis simulacros de sentido.

Venham, que a noite é sólida e solícita,
e aguarda apenas o momento exato
de nos servir a suprema delícia,
como um garçom anódino e hierático.”

Porém apelos tantos, tão melifluos,
atraem tão só máscaras sem rosto,
cascas vazias e rabiscos pífiros.

Tudo resulta apenas neste dístico:
*Ninguém busca a dor, e sim seu oposto,
e todo consolo é metalinguístico.*

(*inédito*)

UM POUCO DE STRAUSS

Não escreva versos íntimos, sinceros,
como quem mete o dedo no nariz.
Lá dentro não há nada que compense
todo esse trabalho de perfuratriz,
só muco e lero-lero.

Não faça poesias melodiosas
e frágeis como essas caixinhas de música
que tocam a “Valsa do Imperador”.
É sempre a mesma lenga-lenga estúpida,
sentimental, melosa.

Esquece o eu, esse negócio escroto
e pegajoso, esse mal sem remédio
que suga tudo e não dá nada em troca
além de solidão e tédio:
escreve pros outros.

LOREM IPSUM

“Come,” he says, “and I will give you kennings,
trochees, caesurae, hemistichs to burn;
meaning is all I ask you in return,
or if not meaning, then the next best thing.

Come when the night is solid and solicitous
like an ancient and hieratic maitre d’,
awaiting the time that’ll suit us to a T
to serve us a feast most ample and luscious.”

But such entreaties are all to no avail;
and vacuity is all that comes of it,
worthless scribbling, words like empty shells.

And it all boils down to a single distich:
*No one seeks pain, but rather pain’s opposite,
and solace is always metalinguistic.*

(*unpublished; translated by the author*)

A BIT OF STRAUSS

Don’t write intimate, sincere poetry,
like someone with a finger up his nose.
Nothing’s in there to compensate
for all that drilling you know,
only mucus, chitchat, and sophistry.

Don’t make fragile, melodious
poems like those little music boxes
that play “Emperor’s Waltz”.
And that same rigmarole, always,
sentimental and full of schmaltz.

Forget the “I,” this vile, sticky
business, this evil without antidote
that sucks up everything and cedes
nothing but boredom and loneliness:
write for others.

Mas se de tudo que há no vasto mundo
só gostas mesmo é dessa coisa falsa
que se disfarça fingindo se expressar,
então enfia o dedo no nariz, bem fundo,
e escreve, escreve até estourar. E tome valsa.

(Trovar claro)

VILEGIATURA

Munidos de maçãs, lápis e fósforos,
conquistaremos Nínive amanhã,
se não der praia e a noite for de sono.
Porque afinal os dias são dourados
e tudo é matinal nessa estação
de água fresca, madrigais e cópulas.

São tantas mãos e bocas, tantas cópulas,
tantas razões de se riscar um fósforo,
é tão horizontal essa estação,
que é puro engodo a ideia do amanhã.
E por que não beber o sol dourado
enquanto não nos sobrevém o sono?

Ideias sussurradas pelo sono,
pela sofreguidão de muitas cópulas.
Enquanto isso, Nínive dourada
aguarda a combustão de nossos fósforos
ao primeiro suspiro da manhã.
Rechacemos o torpor da estação

(e como é modorrenta essa estação,
tempo de bandolins, maçãs e sono!)
e vamos nus, na bruma da manhã,
buscar a glória, traduzida em cópulas,
claustros, tributos, castiçais e fósforos,
caixas de música e ídolos dourados.

Tomaremos a cidade dourada
na hora derradeira da estação,
quando já não restar nem mais um fósforo,
uma gota de sol, de céu, de sono.
A entrada triunfal será uma cópula
na imensidão da última manhã.

But if—of all there is on the vast planet—
you only relish this one thing, false,
disguised, pretending to be expression,
then put your finger up your nose, way in,
write till it explodes. Bury yourself in waltzes.

(The Clean Shirt of It; translated by Idra Novey)

BACCHANAL

Armed with pencils, apples, and matches,
we'll conquer all of Nineveh in the morning—
unless it's a beach day, or we've had no sleep.
At this point there's no day that isn't golden,
every hour is like matins in this season
of cool water, madrigals, and sex.

So many mouths, hands, chances for sex,
so many reasons to light a match;
in such a horizontal season,
what a fantasy our idea for morning.
Why not drink it directly, the sun's gold,
before we're overtaken by sleep?

These ideas murmured from lack of sleep,
distracted by hunger for this much sex...
In the meantime, Nineveh, golden,
awaits combustion from our matches
upon the first breath of morning.
We reject the torpor of the season

(being such an indolent, bacchic season
of mandolins, apples, and sleep)
and go naked in the haze of morning
searching out glory, translated into sex,
candlesticks, spoils, and matches,
music boxes and idols made of gold.

We'll capture the city, golden
in the final hour of the season,
when nothing remains, not a match,
a drop of sun, of sky, of sleep.
Our final entrance: all-out sex
in the grandeur of the last morning.

Quando acordarmos, já será amanhã,
os olhos turvos de sonhos dourados,
as peles mornas recendendo a cópulas,
bagagens esquecidas na estação,
jornais, explicações, ressaca e sono,
um alvoroço de café e fósforos.

Os fósforos primeiros da manhã
riscam o sono e o sonho do Eldorado.
Dessa estação só vão restar as cópulas.

(Trovar claro)

TRÊS SONETETOS GROTESCOS

II

Inapetência para os sentimentos,
falta de jeito para o bipedismo.
Porém, tirando isso, o organismo
vai muito bem, funcionando a contento,

e de mais nada tem necessidade
que água, solidão e alimento.
Só isso. Certamente não piedade.

IV

Dorme a família. Este ser (ou objeto)
surge na sala, num surto (ou cio),
rola no chão, nas paredes, no teto,
senhor da noite e do espaço vazio.

Todos acordam. Já nosso odradek
hiberna dobrado — espécie de leque —
dentro do armário mais fundo e secreto.

V

É a mais nova versão do real.
Não tão bela quanto a anterior,
que no último verão fez furor
e não deixou vestígio. É natural.

Esta de agora, tímida e avara,
já bate as asas, feito um estertor,
e alça voo. É a nossa cara.

(Tarde)

When we recall it, it's already morning,
eyes cloudy from dreams tinted gold,
skin tepid with the scent of recent sex,
bags forgotten in the station, the season
swept of explanations, vestiges of sleep,
leaving a mess of coffee and matches.

Then the urgent first matches of morning
will erase all trace of sleep and pillaged gold.
Of this season nothing will remain but the sex.

(The Clean Shirt of It; translated by Idra Novey)

THREE GROTESQUE SONNETETTES

II

No taste for feelings, as far as one can tell,
no inclination for bipedalism.
Except for that, though, the organism
on the whole is doing pretty well,

and seems to require nothing but food,
some potable water and solitude.
Just that. Sympathy? No, not at all.

IV

The house is asleep. This object or creature
erupts in the parlor with the utmost violence,
rolls on the ceiling, hangs from the fixtures,
lording it over the dark and the silence.

The family awakes. Our brave Odradek
lies folded like a fan into its own neck
in a drawer with no distinguishing feature.

V

Here's the latest version of the real.
Not half as comely in figure or in face
as last year's issue, which for all its appeal
within six months had sunk without a trace.

This new one sags like an empty purse,
a bat of sorts, all clammy wings and squeals.
And yet it flies. We could have done far worse.

(unpublished; translated by the author)

NOVE VARIAÇÕES SOBRE UM TEMA DE
JIM MORRISON

*You know the day destroys the night
Night divides the day.*

1.
A tarde devora o dia
que já estrebucha entre nuvens.
É noite.

Manhã engole essa noite
encaroçada de estrelas.
É dia.

2.
O dia levanta a cabeça
num gargarejo fatal:
a tarde lhe rasga a carótida.
Noite.

A noite segrega projetos
de mundos magros, sem cor.
E vem o dia com seu préstito:
manhã.

3.
Nada como a tarde, trapos encardidos
enxugando os restos de uma luz já suja,
recolhendo as manchas de sol desmaiado
com a complacência de um apagador.

Nada como a manhã, com seus dedos de feltro,
flanelas metafóricas de pura indiferença,
a estender sobre o escuro a realidade plena
de um dia ainda há pouco de todo inconcebível.

4.
Por que é que essa tarde desmancha e desmaia e
sufoca o que o dia erigiu por um triz?

Por que é que a manhã com esse estrépito todo
dissipa o que a noite a tal custo ajuntou?

NINE VARIATIONS ON A THEME OF JIM
MORRISON

*You know the day destroys the night
Night divides the day.*

1.
Evening devours the day
already floundering among the clouds.
É noite.

Morning swallows the night
lumpy with stars.
É dia.

2.
Day lifts its head,
gargles and chokes;
evening goes for the jugular:
noite.

Night excretes its plans
for meager colorless worlds
till day comes with its carnival floats:
manhã.

3.
Nothing like evening, its mildewed dishcloths
mopping up smudges of lingering light,
gathering the last of the sun's stains
faint and half-washed as blackboard erasures.

Nothing like morning, with its felt fingers,
flannel metaphors of pure indifference,
extending over the dark another reality
inconceivable only hours before.

4.
Why is it that night will shrivel and strangle
what day erected by a hair's breadth?

Why is it that morning's consummate noise
will squander what evening gathered at all cost?

5.

Boçalidade da tarde:
porque afinal o dia custou tanto
a se investir, a instalar no teto
a gambiarra cara e trabalhosa
do sol, a despejar anil no céu
como um tintureiro alucinado.

Artimanhas da manhã:
despipocar todo o lençol da noite
e detonar tantos penduricalhos
de luz laboriosamente espetados
e acendidos um por um, com desvelos
obsessivos de monomaniaco.

6.

Manhã, que nunca pensas duas vezes
antes de atamancar com tua fórmica
banal a tapeçaria da noite,
como és enorme!

Ó tarde, que tens a desfaçatez
suprema de garrotear sem pejo
o pescoço fino e alvo do dia:
como te invejo!

7.

A cara desta tarde
é muda e austera, cara de quem
assiste, não de muito perto, à morte
prolongada e silenciosa de alguém
que não conhece, e nem
deseja conhecer.

O rosto da manhã
é o rosto frio e indecifrável
de quem contempla apático a morte
de alguém desconhecido, rosto
de quem, fora a licença poética,
rosto não tem.

8.

Se por acaso esta noite se extinguir
no féretro aéreo da alvorada,
tal como o dia ainda há pouco se esvaiu
na crua hemorragia de um crepúsculo,

5.

The savagery of evening:
because day required so much
to finally establish itself, to hang
the worn electric cord of the sun,
and pour a blue for the sky
like a delirious painter.

The cunning of morning:
to smooth out the crinkled sheet of night
smashing all its bright trinkets
laboriously pricked and plugged in,
one by one, with obsessive
monomaniacal care.

6.

O morning, who never thinkest twice
before ruining the lovely tapestry of night
with the banality of thy Formica:
thou risest so mightily!

O evening, what dashing nerve
to sidle in unabashed and hack
the delicate white neck of day:
how I envy thee!

7.

The afternoon's expression
is mute and austere, the expression of a man
who attends—not very closely—to the death
of someone dying slowly and quietly
who he neither knows
nor desires to know.

The face of morning
is the cold and indecipherable face
of a man who contemplates with indifference
the death of an unknown person,
one who—poetic license aside
has no face.

8.

If this evening is extinguished
in the aerial sarcophagus of sunrise,
as the day has just faded in the raw
hemorrhage of twilight, it would be final,

será a comprovação esmagadora
do triunfo do real insensível
sobre os sonhos sublimes e inefáveis
dos nossos mais insignes metafísicos.

9.
Todo todo é menor que a menor parte,
muitos mundos cabem numa avelã.
Não há dia que não morra numa tarde,
nem noite que não se acabe em manhã.

(*Macau*)

BONBONNIÈRE

I

A seletividade da memória —
a cor exata da pele, a textura,
o odor de cada côncavo e orifício,
o lábio, a língua, o dente, o plexo

solar, a sola do pé, o suor e a
saliva, a coxa arisca, a dobra escura,
o beijo salobro, o sabor difícil,
a carne assombrada, o esperma perplexo

— falsa perfeição, mero artifício
do tempo, a desmaiar todos os tons
do que destoaria do desejo

como um menino a retirar sem pejo
da caixa que lhe deram os bombons
de que ele abre mão sem nenhum sacrifício.

II

Aquela lua era falsa,
cenário de fancaria.
(Foi mentiroso o passado
ou a memória mentiria?)

A noite era puro engodo,
mero efeito Sherwin-Williams.
(Talvez o mundo e sua máquina
de suspeitas maravilhas,

devastating proof that triumph belongs
to reality, its sad indifference,
over the sublime, ineffable dreams
of our most eminent metaphysicians.

9.
No whole is larger than its smallest parts—
myriad worlds fit in a single almond.
There is no day that doesn't die by dark,
no night which isn't over by morning.

(*The Clean Shirt of It; translated by Idra Novey*)

BONBONNIÈRE

I

The selectivity of memory—
the exact shade of skin, its texture,
the smell of every curve and orifice,
of lip, tongue, tooth, solar plexus,

sole of the foot, trickle of sweat,
of saliva, furtive fold of thigh,
brackish kiss, difficult taste,
skin surprised, sperm perplexed

A false perfection, a mere artifice
of time, eliminating any tone
that conflicts with desire—

as a small boy, given an entire
box of bonbons, relinquishes those
he can spare without sacrifice.

II

That moon was false,
just shoddy stage setting.
(Was the past full of lies,
or was it just memory, fibbing?)

A night of pure trickery,
mere Sherwin-Williams effect.
(the world and its machinery
of mercurial wonders,

marzipãs inconfessáveis
e licores traiçoeiros
seja um mecanismo fácil,
um simples truque de espelhos.)

Aquele beijo tão fundo —
que outra boca ainda o sente?
(Do amor, é claro, só resta
o que ficou entre os dentes.)

III

Nada devolve o ato. A escrita engana,
engole a frio e a seco o mau bocado
e faz uma careta, consolada.

Porém o ensejo continua perdido
e todas essas bocas imbeijadas,
como uma espécie de estátua risível

que não há verso ou prosa que derrube
por mais que tente, insista, se repita:
nada revoga o fato. A escrita embroma

mas não abole o acaso consumado,
não redesperta o desejo rendido
nem morde tantas bocas mal beijadas,

e o momento ridículo persiste,
engalanado, feito um monumento,
imune ao tempo, ao vento, a todo verso,

mesmo o que sabe que jamais abala nada,
somente embola, mente, embala. E não consola.

IV

Só não dói mais porque não é preciso.
Se fosse o caso, a dor era pior.
Não há nada nisso de extraordinário:

A natureza odeia o desperdício,
tal como o vácuo. Sem tirar nem pôr.
É exatamente a conta necessária,

unutterable marzipans
with their treacherous liqueurs,
may be a simple mechanism,
a minor trick with mirrors.)

What other mouth still recalls
that kiss—how it tasted, how deep.
(Of love, all that remains
is what's left between the teeth.)

III

Nothing revives the act. Writing just fakes it,
and swallows the cold stale morsel whole,
and makes a grimace, and feels comforted.

And yet the opportunity is still missed,
and all those lips remain unknissed forever,
standing there like ludicrous statues

that can be toppled by no prose or verse
however insistent, however repetitious:
nothing revokes the fact. Writing just wriggles

out of the fait accompli but cannot annul it,
can't resurrect desire gone unslaked,
nor bite so many lips kissed all awry,

and the ridiculous moment lives on,
bedecked and garnished, like a monument,
immune to time and weather and all verse,

even the verse that knows it can never abolish,
only embellish, lull, and lie. And never comfort.

IV

It hurts this much because that's what is needed.
If necessary, the ache would be worse.
There's nothing extraordinary about it:

nature loathes waste, anything exceeded,
as it does a void, with nothing in its purse.
It's always the exact amount and fit,

até que alguma solução se encontre.
O que aliás não acontece nunca.
E isso também é natural. No entanto
há sempre um trá-lá-lá, um deus, um bálsamo

pra não perder a esperança e o bonde:
A caixa de bombons. A Marcha Húngara
de Lizst. Ou Brahms. Um dos dois. Ou não.
Tanto
faz. A dor continua. Hoje é sábado.

V

Remorso manso, sem dentes,
do já vivido e apagado.

Aquele instante, aquele quarto
de hora, aquele desejo indecifrável,
decifrado, é claro, quando já não mais nada.

As mãos esperam, mudas.
E o telefone, gordo como um rei.
A vida não quis esperar.

Memória,
mãe amorosa de todas as mortes.

(Trovar claro)

VÉSPERA

No trivial do sanduíche a morte aguarda.
Na esquiwa escuridão da geladeira
dorme a sono solto, imersa em mostarda.

A hora é lerda. A casa sonha. A noite inteira
algo cricrila sem parar — insetos?
O abacaxi impera na fruteira,

recende esplêndido, desperdiçando espetos.
A lua bate o ponto e vai-se embora.
Mesmo os ladrilhos ficam todos pretos.

unless some solution is found.
Which may never happen, and this
is also natural, though of course
there's always a little music and flattery—

so as not to lose hope—or drown:
And a box of bonbons. Hungarian March by
Liszt
or Brahms. One or the other, or
not. The ache goes on. It's Saturday.

V

Remorse, docile and toothless,
over the already lived and extinguished.

That instant, that quarter
of an hour, that indecipherable desire
deciphered, of course, now that it's gone.

The hands wait, dumb.
And the telephone, fat like a king.
Life refused to wait.

Memory,
doting mother of all deaths.

*(The Clean Shirt of It; translated by Idra Novey,
except for section III, translated by the author,
unpublished)*

PRIOR EVENING

Death waits in the insignificance of a plum tart.
In the remote darkness of the fridge
it slumbers lightly, immersed in custard.

The hour is sluggish. The house sleeps unabridged.
All night something click-clicks—a beetle?
The pineapple reigns over the figs,

smelling exquisite, shedding thistles.
The moon clocks out and is gone.
The bricks are black just the same, and still.

A geladeira treme. Mas ainda não é hora.
Se houvesse um gato, ele seria pardo.
A morte ainda demora. O dia tarda.

(Macau)

SONETILHO DE VERÃO

Traído pelas palavras.
O mundo não tem concerto.
Meu coração se agoniza.
Minha alma se escalavra.
Meu corpo não liga não.

A ideia resiste ao verso,
o verso recusa a rima,
a rima afronta a razão
e a razão desatina.
Desejo manda lembranças.

O poema não deu certo.
A vida não deu em nada.
Não há deus. Não há esperança.
Amanhã deve dar praia.

(Trovar claro)

SONETO SIMÉTRICO

Será o pavão vermelho? Ora, direis,
este raio não cai mais que uma vez
no mesmo lugar — é a prova dos nove,
é Götterfunken, uma coisa arisca
só dada (e olhe lá!) a quem é jovem,
que ainda guarda em si uma fásca.
Porém, passado o mezzo del camin,
às vezes uma luz fraquinha pisca,
e é como se sumisse uma neblina
que há muito esconde uma paisagem bela.
É ela, sim — pensa você — ali, na
sua frente. Ou talvez a parte dela
que ainda lhe cabe. Encha os pulmões de ar.
Goze esse instante. Ele não vai durar.

(Tarde; tradução do autor)

The fridge rumbles, but the hour hasn't come.
If there were a cat, he'd be some sort of gray.
Death takes its time. Day lingers on.

(*The Clean Shirt of It*; translated by Idra Novey)

SUMMER SONETTINO

Seduced and betrayed by words.
The world is a hopeless mess.
My heart is bruised and hurt.
My soul can't bear such treason.
My body couldn't care less.

My thoughts won't go into verse,
my verse refuses to rhyme,
my rhymes are adverse to reason,
and reason's deserted my mind.
Lust is in full season.

My poetry is on the ropes.
My life isn't any better.
There is no god. No hope.
Hmm. Great beach weather.

(Tarde; translated by the author)

SYMMETRICAL SONNET

Surprised by what? Not necessarily
by what a thing of beauty's supposed to be
forever—Götterfunken kind of stuff.
No way. Lightning like this strikes (if at all)
but once, and only when you're young enough,
when you still have the spark, the wherewithal.
And yet, long past lo mezzo del camin,
there're moments when it feels as if a pall
of fog lifted, and a sight long unseen
lay suddenly before your eyes. You say:
It's *that*, again. Well, nearly that. I mean,
as near as it gets, this late in the day.
Breathe in deep. The moment's not over yet.
And make a mental note: *Not to forget*.

(Macau)

ACALANTO

Noite após noite, exaustos, lado a lado,
digerindo o dia, além das palavras
e aquém do sono, nos simplificamos,

despidos de projetos e passados,
fartos de voz e verticalidade,
contentes de ser só corpos na cama;

e o mais das vezes, antes do mergulho
na morte corriqueira e provisória
de uma dormida, nos satisfazemos

em constatar, com uma ponta de orgulho,
a cotidiana e mínima vitória:
mais uma noite a dois, e um dia a menos.

E cada mundo apaga seus contornos
no aconchego de um outro corpo morno.

(Macau)

LULLABY

Night after night, exhausted,
digesting the day, past words
and this side of sleep, we lie simplified,

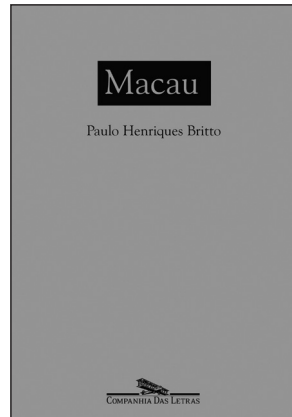
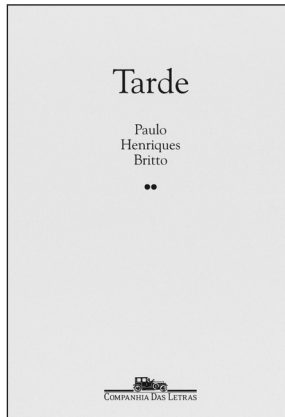
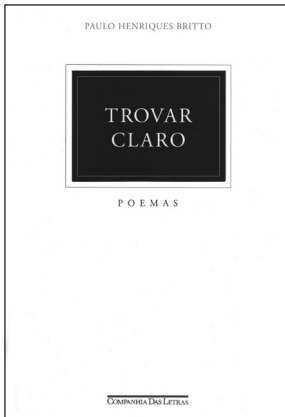
stripped of past lives and projects,
weary of voices and verticals,
relieved to be only bodies side by side;

and more often than not, before diving
into the provisional common death
of sleep, we nuzzle up, content

to tell each other, rather proudly,
of our minor, prosaic feats:
another day spent, another night together.

And each world erases its margins
in the embrace of another body.

(The Clean Shirt of It; translated by Idra Novey)



PAULO HENRIQUES BRITTO nasceu no Rio de Janeiro, em 1951. Poeta, contista, ensaísta, professor e um dos principais tradutores brasileiros da língua inglesa, formou-se em português e inglês pela PUC-Rio. É professor de tradução, criação literária e literatura brasileira na PUC-Rio, onde também defendeu mestrado em língua portuguesa. Em 2002, recebeu o título de Notório Saber na mesma instituição. Morou nos Estados Unidos em dois períodos, no começo dos anos 1960, ainda menino, e no começo dos anos 1970, quando estudou cinema em San Francisco. Como poeta, estreou em 1982, com *Liturgia da matéria*. Depois, vieram os volumes de poesia *Mínima lírica* (1989), *Trovar claro* (Prêmio Alphonsus de Guimaraens da Fundação Biblioteca Nacional, 1997), *Macau* (Prêmio Portugal Telecom, 2004) e *Tarde* (2007). Publicou também os contos de *Paraísos artificiais* (2004) e *Eu quero é botar meu bloco na rua* (2009), sobre a música de Sérgio Sampaio. Já traduziu cerca de cem livros, entre eles volumes de poesia de Byron, Elizabeth Bishop e Wallace Stevens, e romances de William Faulkner (*O som e a fúria*). Recebeu o Prêmio Paulo Rónai da Fundação Biblioteca Nacional (1995) pela tradução de *A mecânica das águas* (Companhia das Letras), de E. L. Doctorow. Também verteu para o inglês obras de autores brasileiros como Luiz Costa Lima e Flora Süssekind.

[2011]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

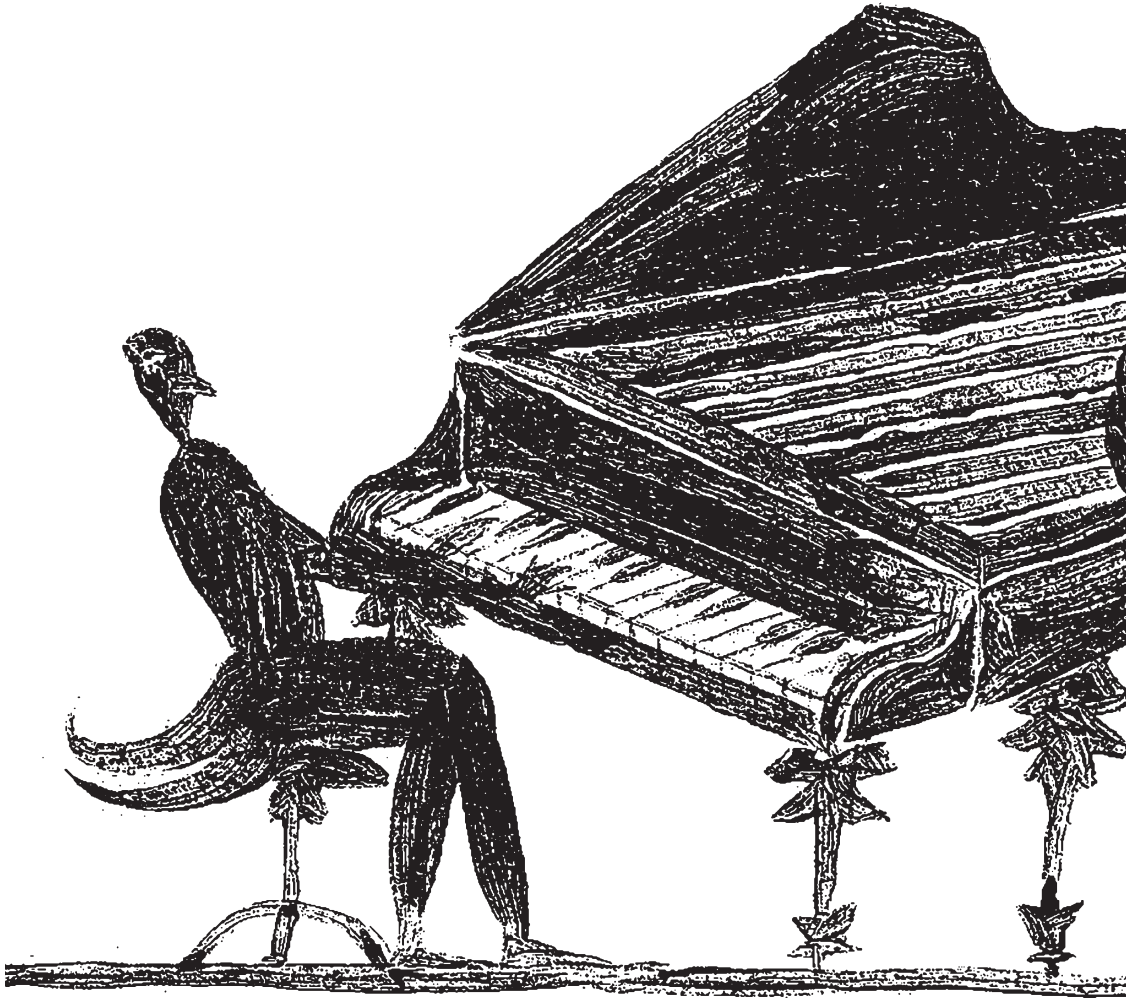
Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

SLIP



Realização

casaAzul

